

**ERRÂNCIAS: UM ESTUDO PSICANALÍTICO SOBRE O(S) LUGAR(ES) DO
SUJEITO NOS DESLOCAMENTOS MIGRATÓRIOS E SUBJETIVOS**

Paula Cristina Monteiro de Barros

**Projeto de pesquisa apresentado como requisito
para o processo de tornar-se membro da
Associação Universitária de Pesquisa em
Psicopatologia Fundamental**

Recife, 05 de agosto de 2024

RESUMO

Este projeto de pesquisa, em atual desenvolvimento na Universidade Católica de Pernambuco, decorre de projeto anterior, intitulado *Errância e clínica psicanalítica: da condição itinerante do desejo ao movimento errante na cena social*. Consideramos a errância um operador teórico-clínico para a clínica e a pesquisa psicanalíticas, chave de leitura para uma multiplicidade de fenômenos subjetivos e sociais, dentre os quais apontamos: a condição itinerante do desejo; o movimento errante inerente ao processo analítico; a errância estruturante do adolescente; o deslocamento de sujeitos em situação de vulnerabilidade social e psíquica; a errância no processo da escrita, em meio aos deslizamentos metafóricos e metonímicos. Por um lado, a errância denuncia processos de exclusão social, dessubjetivação, violação dos direitos humanos, constituindo uma trajetória por meio da qual o sujeito erra sem destino, destituídos de um lugar de reconhecimento. Por outro lado, enquanto deslocamento constitutivo do sujeito, a errância pode ser apreendida como um movimento subjetivo que faz do vagar um ato inventivo e subversivo. Assim propomos um estudo que tome como referência as errâncias, com o objetivo de analisar, nos deslocamentos subjetivos e migratórios, o que se faz singular na errância do sujeito, como resposta ao(s) lugar(es) psíquico(s) a ele atribuídos e por ele ocupados nas cenas familiar e social. Situando a errância e a noção de lugar psíquico como eixos temáticos, adotar-se-á como referencial teórico a psicanálise freudiana e lacaniana, num permanente diálogo com outros saberes e discursos, como a Antropologia, a Filosofia, as Ciências Sociais, a Arte, a Literatura.

Palavras-chave: 1. errância, 2. psicanálise, 3. desejo, 4. exclusão social, 5. adolescente, 6. escrita.

SUMÁRIO

Caracterização e Justificativa	04
Objetivos e Metas	07
Metodologia e Estratégias de Ação	08
Benefícios e Resultados Esperados	11
Riscos e Dificuldades	12
Transferência de Resultados e Retorno ao Sujeito	13
Referências	14

O texto que por ora apresento no intuito de tornar-me membro da Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental consiste em parte do projeto de pesquisa, em atual desenvolvimento na Universidade Católica de Pernambuco, da qual sou docente nos cursos de graduação em Psicologia e pós-graduação em Psicologia Clínica. O referido projeto – aprovado pelo Comitê Científico de Pesquisa da Unicap, para o período de 2023 a 2027 – surgiu como desdobramento de um projeto anterior, intitulado **Errância e clínica psicanalítica: da condição itinerante do desejo ao movimento errante na cena social** (BARROS, 2019).

O interesse pelo tema surgiu de estudos anteriores (BARROS, 2006; 2009; 2015), baseados numa experiência com famílias em situação de vulnerabilidade social e adolescentes em situação de rua. Somando-se às reverberações dessa prática e desses estudos, um trabalho de extensão realizado com jovens de uma escola pública no período pandêmico, as demandas de adolescentes endereçadas à clínica escola de psicologia da Unicap, a urgência e o interesse de desenvolver propostas de intervenção com adolescentes imigrantes endossam a pertinência da continuidade do estudo da errância, que tomamos como um operador teórico-clínico importante para a clínica e para a pesquisa psicanalíticas.

Além da errância, a questão do “lugar” – lugar do sujeito na cena familiar e social, da família na trama social, das instituições –, por vezes a indagação acerca dos “não lugares” (AUGÉ, 2012), tem assumido um realce importante, tanto nas formulações teóricas como nas intervenções clínicas. Entendemos que é do lugar atribuído ao sujeito – pelo Outro familiar, pelo Outro social – que a errância pode expressar-se como uma resposta: à condição itinerante do desejo; à passagem adolescente (RASSIAL, 1997); à deriva pulsional; à expulsão e destituição simbólica do sujeito em situação de vulnerabilidade social e psíquica; à tentativa de encontrar um lugar possível de endereçamento, que se faça ponto de ancoragem, a exemplo da clínica e da escrita, em meio aos deslizamentos metafóricos e metonímicos.

Considerando suas mais variadas formas de expressão subjetiva, respaldamo-nos nas proposições psicanalíticas de Jacques Lacan e de Olivier Douville acerca da errância. Ao discorrer sobre a problemática do desejo, Lacan (1999[1957-58]) sublinha a “errância do desejo” no que concerne à sua excentricidade, ressaltando que “[...] aquilo com que o desejo confina, não mais em suas formas desenvolvidas, mascaradas, porém em sua forma pura e simples, é a dor de existir” (p.350). Quanto a Douville (2008), ele destaca que, apesar de referida a uma falta de inscrição que concerne ao ser e à filiação, a errância não deve ser tomada como

um simples fracasso do laço, mas como “aposta” fundadora de um laço possível, a partir de suas funções psíquicas e dos sofrimentos psíquicos aos quais ela responde.

Segers (2009) traz uma contribuição relevante para a clínica psicanalítica, ao propor uma distinção entre “exílio íntimo” e “exilado do íntimo”. O primeiro concerne à linguagem que nos torna estrangeiros a nós mesmos e nos especifica como seres falantes, fundando-nos no corte singular que demarca um hiato entre o Outro materno e o lugar do objeto. O sujeito exilado do íntimo, por sua vez, exposto a rupturas com sua cultura de origem, encontra-se sem o Outro que possa compreender os significantes fundamentais de sua origem. Há uma perda não simbolizada da palavra que faz dos exilados “viajantes sem viagem”, migrantes num “vazio de referências comuns” (SEGERS, 2008, p.91), delineando a errância como um exílio mais radical, a destruição do exílio íntimo.

No que concerne à “errância estruturante do adolescente”, Douville e Degorge (2012) apontam-na como tempo da adolescência, movimento necessário entre a família, o clã, a cidade. Trata-se de um deslocamento articulado com uma plasticidade de exploração, de passagem de um lugar a outro, constituindo uma operação de inscrição nos territórios urbanos, em que o sujeito poderá encontrar, nessa “passagem adolescente” da cena familiar para a cena social (RASSIAL, 1997), novas figuras de alteridade.

Num contraponto com a errância estruturante do adolescente e com a condição errante do desejo, em contextos de vulnerabilidade psíquica e/ou social – a exemplo dos “meninos de rua”, dos imigrantes – o sujeito, exposto a processos de exclusão/expulsão, erra sem destino, confrontado com efeitos de uma destituição simbólica e de uma mutilação social que tendem ao aniquilamento do desejo. Nessa perspectiva, a errância pode constituir um movimento que destitui o sujeito, fadado a “vagar sem pouso”, numa deriva pulsional sem fronteiras, sem nenhuma referência que lhe dê sustentação e continência.

No contexto histórico-político no qual esse projeto se insere, o de um cenário pandêmico marcado por uma catástrofe coletiva com um importante potencial traumático, que esgarçou as fronteiras de tempo e de espaço, em muito nos interessa a proposição de Segers (2009, p.91) acerca de um exílio do lugar, exílio de um espaço psíquico e, acrescenta, um “exílio do tempo”, cuja duração não se define pela sucessão de momentos significativos. “Não há, nesse caso, nem aqui nem ali, apenas um movimento de deslocamento”.

Estaria o sujeito, em tempos de pandemia, vivendo um “congelamento do tempo”, fixado no tempo presente, que o desgarrar de referências passadas e o impede de lançar-se ao futuro, tamanhas as incertezas e falta de garantia? Como enredar passado, presente e futuro, num tempo inusitado, em que as fronteiras entre o ontem, o hoje e o amanhã se fizeram

borradas, em que alguns se perderam numa continuidade que parecia não instituir os marcadores estruturantes do tempo? Que escuta para o sujeito errante? Como propõe Douville (2008), ao referir-se à clínica com o adolescente errante, é preciso assegurar-lhe um “ponto de apoio, um ponto fixo para o psiquismo”, um acolhimento para sua temporalidade psíquica.

Ao considerar a dimensão sociopolítica do sofrimento e as vicissitudes das demandas dos sujeitos em contextos de exclusão e violências, Rosa (2016) destaca os efeitos disruptivos de desenraizamento, provocados pelo desamparo discursivo e social, que compromete a posição do sujeito. Propõe uma intervenção que restitua “um campo mínimo de significantes referidos ao campo do Outro, o que permite ao sujeito localizar-se e poder dar valor e sentido à sua experiência, articulando um apelo que o retira do silenciamento” (*Ibid*, p.189).

Igualmente no contexto deste projeto, ressaltamos pesquisas de mestrado e doutorado em andamento, que têm encontrado na errância uma chave de leitura para seus respectivos objetos de estudo, a saber: Entre o adolecer e a invenção interpretativa do avatar nos jogos digitais (Fernando Rodrigues de Lima Júnior); O feminino, a escrita e a dor de existir nos diários de Sylvia Plath (Anderson Barbosa de Araújo); A escrita como invenção de uma adolescente negra no encontro com o feminino (Quezia Menezes da Paz); Discurso de ódio nas redes sociais virtuais: traçando percursos narrativos de sujeitos errantes (Philippe José de Fontes Oliveira); Adolescência e o risco de suicídio: um estudo psicanalítico sobre o agir como traço identificatório de uma adolescente (Dora Guerra Victor Silva).

Além de projetos do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da UNICAP, o presente projeto se propõe ao desenvolvimento de pesquisas de iniciação científica, com desdobramentos em atividades de pesquisa e extensão. Nesse sentido, dois primeiros planos de trabalho de Iniciação Científica da UNICAP, desenvolvidos por alunas de graduação, encontram-se em fase de conclusão, respectivamente com os seguintes títulos: *O movimento errante de adolescentes em situação de rua* e *O movimento errante de adolescentes imigrantes*.

Ressaltamos uma clínica e um campo de pesquisa pautada numa realidade à qual o pesquisador psicanalista tem sido cada vez mais convocado a responder, na qual tem se engajado de forma significativa, demandando, conforme propõe Souza (1991), a “extensão da prática psicanalítica”.

Assim, diante da complexidade que um estudo sobre a errância enseja e de suas notáveis contribuições para a psicologia e para a psicanálise, destacamos a relevância do atual projeto de pesquisa, que pretende abordar a temática na perspectiva de uma potência inventiva, de uma construção subjetiva do ser humano, com desdobramentos importantes na proposição de políticas de escuta, de cuidado e de acolhimento nas práticas clínicas e institucionais.

OBJETIVOS E METAS

Objetivo geral

Analisar, nos deslocamentos migratórios e subjetivos, o que se faz singular na errância do sujeito, como resposta ao(s) lugar(es) psíquico(s) a ele atribuídos e por ele ocupados nas cenas familiar e social.

Objetivos secundários

Discutir a condição errante do desejo enquanto estruturante do psiquismo;

Analisar a errância como movimento concernente ao sujeito adolescente, demarcando a passagem da cena familiar para a cena social;

Indagar acerca do (não)-lugar do sujeito na errância enquanto deslocamento migratório em situação de vulnerabilidade psíquica e social;

Propor dispositivos clínicos e institucionais para sujeitos em situação de errância, destacando o movimento errante, a exemplo da escrita adolescente, como ato inventivo de resistência do sujeito.

METODOLOGIA E ESTRATÉGIA DE AÇÃO

Este projeto de pesquisa se ancora na proposta de ampliação dos enquadres tradicionais da clínica e da pesquisa, ressaltando “o sujeito enredado nos fenômenos sociais e políticos” (ROSA, 2004). Propomos a realização de um estudo psicanalítico, o qual circunscreve seu espaço nas questões que emergem da prática e fazem furo no saber já instituído, demandando novas construções que permitem avançar a clínica. Elia (2000) ressalta que se trata da construção de um saber perpassado pela transferência - o saber do inconsciente -, elaborado a partir do dispositivo analítico, que pode ser instalado em uma clínica institucional e pública, desde que se preserve o eixo teórico-clínico, ético e metodológico definido pelo discurso psicanalítico, adverte o autor.

Tomar o sujeito do inconsciente como eixo da pesquisa não implica isolá-lo do contexto em que se insere, posto que sua constituição articula-se com o plano social. Assim, essa postura metodológica não leva a negligenciar fatores que têm um impacto na subjetividade e “[...] que devem ser tomados em relação ao modo como o sujeito que os porta, lida com eles, e mais do que isso, organiza-se subjetivamente em relação a eles, a partir da inclusão deles no campo de sua experiência subjetiva” (ELIA, 2010, p.94). Ressaltamos uma construção não limitada a um saber sobre a psicanálise apenas em seus fundamentos teóricos, mas que veicula um saber que emerge da clínica e se articula com outros saberes e discursos.

Corpus da pesquisa

A pesquisa, de natureza qualitativa, se baseará no referencial teórico psicanalítico, em especial, freudiano e laciano. Conforme explicitamos, este projeto acolherá pesquisas de iniciação científica e de pós-graduação, que tenham como eixo temático o estudo sobre a errância. Nesse sentido, a depender do recorte da pesquisa, algumas propostas metodológicas poderão ser adotadas, de modo a alcançar os objetivos propostos, dentre as quais destacamos: a pesquisa bibliográfica, a meta-análise, a construção do caso clínico, a história de vida.

De acordo com Herrmann (2004), a pesquisa psicanalítica baseia-se no método interpretativo e na ruptura de campo, sendo a Psicanálise o próprio método interpretativo em ação e não uma teoria. Na pesquisa bibliográfica em psicanálise,

[...] ao debruçar-se sobre um arcabouço teórico em que estuda e pretende-se avançar, o pesquisador estabelece uma relação transferencial com o próprio conteúdo investigado na medida em que estas leituras o tocam de determinada forma para além da racionalidade empregada na própria leitura de um texto em particular. (HERRMANN, 2004, p.172).

No que diz respeito à Meta-análise, Calligaris (1999 *apud* SIQUEIRA, 2009, p.11) define o método como “um trabalho que reúne pesquisas que já existem, podendo assim chegar a novas interpretações dos dados ou mesmo descobrir tendências que não apareciam nas pesquisas originais”. Ao permitir revisitar dados de estudos já realizados a partir de novas leituras e referenciais teóricos, a meta-análise pode trazer grandes contribuições, uma vez que abre espaço para avanços nos resultados de pesquisas anteriores.

Quanto à construção do caso clínico em psicanálise, Figueiredo (2004) considera tratar-se do “[...] (re)arranjo dos elementos do discurso do sujeito que “caem”, se depositam com base em nossa inclinação para colhê-los [...]”, incluindo as ações do sujeito, na medida em que são norteadas por uma determinada posição no discurso, como também elementos discursivos de familiares, de outras pessoas. A autora destaca que o *caso* não é o sujeito, mas uma construção, feita a partir dos elementos recolhidos de seu discurso.

Dado o interesse de escutar adolescentes imigrantes, o método da História de Vida é um caminho bastante frutífero para entender o movimento errante desse público. Minayo (1999, p.126) considera a História de Vida um “instrumento privilegiado para se interpretar o processo social a partir das pessoas envolvidas, na medida em que se consideram as experiências subjetivas como dados importantes que falam além e através delas”. Ele permite reconstruir as experiências do sujeito em determinados momentos históricos; “[...] compreender a interação de fatores individuais e culturais, a partir do ponto de vista do sujeito; analisar a influência de condições sociais, políticas e psicológicas sobre a construção identitária; analisar os mecanismos adotados pelo sujeito frente às condições que constroem seus cursos de vida [...]” (SOBRAL, 2008, p.50). A técnica é aplicada no formato de uma entrevista prolongada, em que se destaca a imersão do pesquisador nas circunstâncias e no contexto da pesquisa, assim como a dinâmica construída entre o pesquisador e o sujeito participante, resultando numa construção a partir de alguns encontros com cada participante.

Participantes

Os participantes serão adolescentes em errância, a exemplo de adolescentes em situação de vulnerabilidade psíquica e social, adolescentes imigrantes e refugiados, adolescentes em instituições de acolhimento. A depender dos conteúdos encontrados, a pesquisa poderá também realizar entrevistas com familiares e profissionais que atuem diretamente com os adolescentes. Dentre os critérios de inclusão para a participação dos adolescentes, destacamos: ser adolescente na faixa etária entre 12 e 18 anos de idade, tal como preconiza o artigo 2º do Estatuto da Criança e do Adolescente (2005); estar em alguma das situações de errância acima elencadas; manifestar o desejo de participar da pesquisa.

Procedimentos de coleta de dados

A pesquisa e os projetos a ela vinculadas poderão ser desenvolvidos em instituições - da Saúde, da Assistência Social, da Educação - que acompanhem os adolescentes, ou em suas residências. O projeto, juntamente com a Carta de Aceite, será apresentado à instituição e, posteriormente, submetido ao Comitê de Ética da Unicap. Uma vez autorizada a realização da pesquisa, os adolescentes serão contatados nos espaços institucionais, a fim de apresentar a proposta da pesquisa. Aqueles que se disponibilizarem a participar comporão o grupo de participantes, cujos responsáveis serão, em seguida, contatados, com vistas a autorizarem a participação de seus/suas filhos/as.

Aos participantes menores de 18 anos, será apresentado o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE); aos responsáveis e àqueles a partir de 18 anos de idade, será apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), assegurando-lhes as prerrogativas éticas para a realização da pesquisa.

Quanto à determinação do número de participantes, respaldamo-nos em Turato (2008), que considera que o pesquisador qualitativista não deve raciocinar como um apriorista, determinando, de antemão, quantos participantes irá entrevistar. “Somente após contemplar os passos indicados para o modo de construção escolhido para a composição de sua amostra, e estando ao final da coleta de dados, é que o pesquisador poderá saber quantos casos acabaram por ser incluídos” (p.359).

Procedimentos de análise de dados

A análise das narrativas será baseada em alguns preceitos da técnica de Análise de Discurso (PÊCHEUX, 2002), a partir da releitura feita por Teixeira (2005). A Análise do Discurso preocupa-se com o modo como o discurso é construído, considerando a heterogeneidade e a equivocidade do sujeito e do sentido, face à incompletude que os constitui. O sujeito, portanto, falha em dizer, pois as palavras escapam a seu domínio. É nas falhas e na descontinuidade do discurso que surgem novas enunciações. Nesse sentido, o sujeito é o sujeito da enunciação, inapreensível, sempre em produção (TEIXEIRA, 2005)

Para a autora, a AD parte do pressuposto de que o sentido do discurso é construído, entre locutores, como efeito no encontro entre o sujeito, o dito e o já-dito. Ao falar, na relação com aquele que escuta, o sujeito historiciza e, ao fazê-lo, pode reinventar sua posição, instituir outras significações não previstas na rede de sentidos. A posição do pesquisador, enquanto interlocutor diante do discurso do outro, na busca de um sentido e de possíveis reinvenções diante do que diz, faz-nos considerar a Análise do Discurso, na articulação com o referencial teórico psicanalítico, bastante pertinente para se conduzir a análise das narrativas.

BENEFÍCIOS E RESULTADOS ESPERADOS

A princípio, os resultados desta pesquisa permitirão uma melhor apreensão do conceito de errância em suas mais variadas formas de expressão e manifestação subjetiva, contribuindo, assim, com a clínica psicanalítica, especialmente a clínica com adolescentes e a clínica em instituições de atendimento psicossocial.

Destacamos, ainda, como benefícios e resultados esperados: um avanço nos estudos e pesquisas sobre a errância, articulando-a a propostas de intervenção clínica e institucional; uma ampliação da rede de discussão em torno das propostas de práticas institucionais para adolescentes em situação de vulnerabilidade psíquica e social e da relevância de se priorizar um trabalho efetivo de intervenção com as famílias; uma reafirmação da importância de uma discussão contínua acerca da política de atenção integral ao adolescente capaz de oferecer subsídios para uma reflexão propositiva acerca das Políticas Públicas voltadas para adolescentes e famílias em situação de vulnerabilidade e risco social.

RISCOS E DIFICULDADES

Esta pesquisa não apresenta riscos e dificuldades significativos que possam comprometer o bem estar físico e psíquico ou acarretar algum dano aos(às) participantes. Serão apresentadas informações sobre a pesquisa juntamente com o TALE e/ou TCLE aos(às) possíveis participantes, visando esclarecer as questões do estudo, seus objetivos e o modo como serão realizados os procedimentos metodológicos. Será respeitado o direito dos(as) participantes de desistirem da participação, a qualquer momento, antes da conclusão do estudo. Entendendo que a temática da pesquisa pode mobilizar angústia e ser um espaço em que o(a) participante poderá reviver lembranças difíceis e/ou traumáticas, caso haja algum desconforto, será ofertado suporte psicológico por parte da pesquisadora. Em havendo uma demanda de acompanhamento, serão realizados os encaminhamentos que se fizerem necessários para a rede de apoio psicológico, a exemplo da Clínica de Psicologia Manoel de Freitas Limeira, da Universidade Católica de Pernambuco.

TRANSFERÊNCIA DE RESULTADOS E RETORNO AOS SUJEITOS DA PESQUISA

Esta pesquisa pode despertar o interesse em atores diversos da sociedade e instituições, os quais terão acesso aos seus resultados. Na universidade, a pesquisa será apresentada por meio das reuniões nos laboratórios, além das mais variadas atividades de ensino e extensão, contribuindo com a formação de psicólogos, pedagogos, assistentes sociais, professores e áreas afins. Ainda no que tange ao meio acadêmico, a pesquisa será apresentada em congressos e publicada em artigos científicos.

Os resultados serão estendidos também à comunidade de uma maneira geral e a programas e projetos governamentais e não-governamentais, como forma de ampliar a discussão e acessar profissionais da Saúde Pública, da Educação, da Assistência Social, inserindo, assim, o debate no rol das Políticas Públicas.

Atenção especial será dada aos(as) participantes da pesquisa e instituições parceiras em sua realização. Nesse sentido, propõe-se uma roda de conversa com os(as) participantes e às instituições será oferecido um trabalho de formação com os profissionais que nela atuem.

REFERÊNCIAS

AUGÉ, M. **Não lugares**. Introdução a uma antropologia da supermodernidade. 9 edição. Campinas, SP: Papirus, 2012.

BARROS, P.C.M. **“Tá imbaçado”**: uma demanda de reconhecimento na e pela violência de crianças e adolescentes em situação de rua. Monografia (Especialização em Psicologia Clínica). Recife: Centro de Pesquisa em Psicanálise e Linguagem, 2006.

_____. **“Vê se me desimbaça”**: do apelo à demanda de crianças e adolescentes em situação de rua. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica). Recife: Universidade Católica de Pernambuco, 2009.

_____. **“Eu vinha rodando pela rua”**: que ponto de ancoragem para o sujeito adolescente em situação de rua? Tese (Doutorado em Psicologia Clínica). Recife: Universidade Católica de Pernambuco, 2015.

_____. **Errância e clínica psicanalítica**: da condição itinerante do desejo ao movimento errante na cena social. Projeto de Pesquisa. Recife: Universidade Católica de Pernambuco, 2019.

BRASIL. Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 16 jul. 1990.

DOUVILLE, O. **De l’adolescence errante**. Variations sur les non-lieux de nos modernités. Nantes: Pleins Feux, 2008.

DOUVILLE, O.; DEGORGE, V. Quelle vie psychique se fige et se reprend dans l’errance adolescente ? In : Douville, O. (coord.) **Clinique psychanalytique de l’exclusion**. Paris : Dunod, p.109-133, 2012.

ELIA, L. Psicanálise: clínica & pesquisa. In: Alberti, S. & Elia, L. **Clínica e Pesquisa em Psicanálise**. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2000.

_____. Clínica e pesquisa na instituição pública de tratamento de crianças e adolescentes autistas e psicóticos. In: Ferraro, M.A.G. (org.). **Psicanálise: investigação e pesquisa**. Curitiba: Juruá Editora, p.87-108, 2010.

FIGUEIREDO, A.C. A construção do caso clínico: uma contribuição da psicanálise à psicopatologia e à saúde mental. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v.7, n.1, p.75-86, 2004.

HERRMANN, F. Pesquisa Psicanalítica. **Ciência e Cultura**, v.56, n.4, 2004.

LACAN, J. **O Seminário. Livro 5**: as formações do inconsciente. [1957-1958]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

MINAYO, M.C.S. **O desafio do conhecimento**. Pesquisa Qualitativa em Saúde. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Abrasco, 1999.

PÊCHEUX, M. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Campinas: Pontes, 2002.

RASSIAL, J.-J. **A passagem adolescente**. Da família ao laço social. Porto Alegre: Artes e ofícios, 1997.

ROSA, M.D. A pesquisa psicanalítica dos fenômenos sociais e políticos: metodologia e fundamentação teórica. **Revista Mal-estar e Subjetividade**, v.4, n.2, p.329-348, 2004.

_____. **A clínica psicanalítica em face da dimensão sociopolítica do sofrimento**. São Paulo: Escuta/Fapesp, 2016.

SEGERS, M.-J. **De l'exil à l'errance**. Toulouse : Érès éditions, 2009.

SIQUEIRA, E.R.A. O estatuto contemporâneo das identificações dos sujeitos com marcas e alterações corporais. **Dissertação de Mestrado**. Pós-graduação em Psicologia Clínica. Recife: Universidade Católica de Pernambuco, 2009.

SOBRAL, M.L. **Trajetórias de Vida**: um estudo sobre a complexidade da experiência na rua. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE, 2008.

SOUZA, O. Reflexão sobre a extensão dos conceitos e da prática psicanalítica. In: Aragão, L. T. et al. **Clínica do Social: ensaios**. São Paulo: Escuta, 1991.

TEIXEIRA, M. **Análise de Discurso e Psicanálise**. Elementos para uma abordagem do sentido no discurso. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

TURATO, E.R. **Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa**. Construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas. Petrópolis: Vozes, 2008.